



Aeroneve caiu sobre duas casas no Bairro Jardim Montanhês, na Região Noroeste de Belo Horizonte, e aumentou ainda mais o insegurança dos moradores do local, depois de sucessivos acidentes nos últimos anos

Oftalmologista morre em queda de monomotor que pousaria no Aeroporto Carlos Prates. É a quinta morte relacionada a voos no terminal em quatro anos. Moradores estão assustados

NOVA TRAGÉDIA AUMENTA MEDO PERTO DE AEROPORTO

Bernardo Estival, Guilherme Prestes, Ramon Lison e Sílvia Pires

Um acidente aéreo no Bairro Jardim Montanhês, Noroeste de Belo Horizonte, na tarde de ontem, entra para uma triste e crescente lista de desastres no entorno do Aeroporto Carlos Prates. Um avião monomotor vindo de Abaeté, na Região Centro-Oeste de Minas, caiu sobre duas casas. O piloto, o oftalmologista José Luiz de Oliveira Filho, chegou a ser socorrido após o acidente, mas morreu. Ele pilotava o avião ao lado da filha Jéssica Oliveira, de 33 anos. Ela está internada em estado grave no Hospital de Pronto-Socorro João XXIII, em BH. Conforme apurado pelo Estado de Minas, a aeronave Vivila de Abaeté, onde a família tem uma fazenda, e caiu antes de chegar ao seu destino final no aeroporto. A tragédia no Carlos Prates foi o segundo acidente aéreo ocorrido na Grande BH ontem. Mais cedo, outro monomotor caiu em Sabará, tendo um bebê nascido há três dias entre os passageiros. Não houve feridos.



Ano Cláudia Guimarães, moradora

“Isso [acidentes] acontece direto. Não é a primeira vez. Vivemos esse pesadelo. Temos crianças pequenas. Todo mundo vive aqui há muitos anos. Temos esse medo constantemente”

Ano Cláudia Guimarães, moradora

PERIGO CONSTANTE Também residente em um dos imóveis da rua, Gustavo Alvarenga se assustou com o estouro causado pelo impacto entre a aeronave e as estruturas das casas. “Liguei imediatamente para os Bombeiros quando vi o acidente. Ter um barulho muito forte, muito alto. Liguei correndo para os Bombeiros e mandei a foto da aeronave”, disse ela. Peritos da Polícia Civil estiveram no local e o maior da Aeronáutica, responsável pelo Centro de Investigação e Prevenção de Acidentes Aéreos (Cenipa), era esperado no local.

O Jardim Montanhês fica nas proximidades do Aeroporto Carlos Prates, onde funciona uma escola de pilotagem. Vanda Damasceno, outra moradora do entorno do local do acidente, também estava em casa quando foi surpreendida pelos sons causados pela queda. “Foi muito assustador. Já caíram vários aviões aqui”, contou. O empresário José Pereira de Alvarenga, pai de Gustavo, o rapaz responsável por acionar os Bombeiros, estava dirigindo para a casa onde mora com o filho no momento do acidente. “Estava vindo pela (avenida) Pedro II, vi o avião perdendo altitude. Aceleretei, cheguei um pouco preocupado, porque meu filho estava sozinho em casa. Quando cheguei, já estavam bastantes viaturas”, disse. Ana Cláudia Guimarães, que tem residência nas redondezas da Rua Morro da Graça, teme o voo de novo na região. “Isso (os acidentes) acontece direto. Não é a primeira vez. Vivemos esse pesadelo. Temos crianças pequenas. Todo mundo vive aqui há muitos anos. Temos esse medo constantemente”, protestou.

A Defesa Civil acionada para analisar se há risco para as estruturas dos imóveis atingidos. Peritos da Polícia Civil já atam nos desdobramentos do caso.

Desastres frequentes nos últimos anos

O acidente de ontem se soma a um histórico de desastres que representa um medo constante para moradores. O Aeroporto Carlos Prates começou a funcionar em janeiro de 1944, há quase 80 anos. Desde então, o terminal que teve boa parte de sua trajetória ligada a voos de instrução e formação de pilotos e é uma preocupação para os residentes da região, que foi se tornando mais populosa com o crescimento da capital mineira. Quem mora há mais de 20 anos nos bairros próximos ao aeroporto mal pode contar nos dedos das mãos as ocorrências com aviões e com/ve com o medo de acidentes a cada aeronave que sobe para a região, deixando ou chegando ao terminal.

Em 2008, três pessoas ficaram feridas após um avião cair no telhado de um depósito no mesmo Bairro Jardim Montanhês. O acidente aconteceu instantes depois da aeronave decolar no Aeroporto Carlos Prates. Quatro anos depois, em agosto de 2012, um helicóptero caiu na cabeceira do aeroporto, ferindo o piloto e um aluno. O acidente aconteceu próximo ao Anel Rodoviário.

Em 2014, quatro acidentes aconteceram no final do ano. Em outubro, três pessoas ficaram feridas após pouso de emergência entre Ipatuba e Igarapé de Avião que partiu do Aeroporto Carlos Prates. Um mês depois, a queda de um avião de pequeno porte sobre uma casa nas imediações do terminal deixou dois feridos. Em dezembro de 2014, outro avião de pequeno porte caiu próximo ao aeroporto, desta vez, no Anel Rodoviário. O piloto conseguiu sair da aeronave sem ferimentos graves e foi atendido por uma ambulância do Samu.

Em 2019, dois acidentes aéreos aconteceram em um intervalo de seis meses, ambos na Rua Mineira, Bairro Caçara. Em abril, uma aeronave colidiu com um poste segurado após decolar no Aeroporto Carlos Prates, fogueira e o piloto morreu imediatamente. Em outubro, a queda de outra aeronave vinda do terminal resultou na morte do piloto e de duas pessoas que estavam em terra.

“A quinta morte relacionada a voos no terminal Carlos Prates nos últimos quatro anos. Após dois acidentes com vítimas em 2019, o fechamento do aeroporto entrou no radar das autoridades. Em 2020, o então ministro de Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, chegou a anunciar que o aeroporto seria fechado no ano seguinte, mas uma série de adiantamentos postergou a medida e o terminal segue em funcionamento até hoje. A expectativa era de que as atividades fossem encerradas em dezembro do ano passado, mas uma portaria estendeu o prazo até maio de 2023, tempo suficiente para mais um acidente. Após a tragédia de ontem, o prefeito de BH, Paulo Noman, disse pelas redes sociais que irá reiterar pedido ao governo federal para concessão do aeroporto ao município. “Não podemos mais permitir que acidentes assim aconteçam”, disse Noman. Segundo ele, a ideia é construir no local moradias, escolas, parques e centros de saúde.

Luiz André é morador de uma das casas atingidas pela aeronave. Ele contou que estava dentro do quarto quando sentiu o impacto da colisão e que o acidente foi o ápice de uma rotina de sustos. “Parecia um terremoto, minha irmã estava colocando roupas no varal quando viu o avião se aproximando e o motor falhando. Foi um susto, eu me lembro até de dizer: Moro no bairro há 45 anos e desde que era criança escuto que o aeroporto vai sair daqui. Quantos vão morrer pra isso acontecer?”, questionou. Ele afirma que foi orientado a não passar a noite em casa pela Defesa Civil. A casa apresenta rachaduras originadas

pelo impacto do acidente. Luiz André diz ter sido informado que membros da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) farão uma visita no imóvel hoje. Moradora de um dos imóveis da rua onde caiu o monomotor, Emiliane Mairani foi uma das primeiras pessoas a tentar socorrer as vítimas e diz que por pouco o avião não caiu na sua casa. Ainda abalada, ela contou que estava deitada, quando ouviu sua mãe gritar para que ela corresse. “Eu não entendia o que estava acontecendo. Do nada minha mãe estava gritando, falando para correr. Levantei, vi o avião vindo na direção da minha casa”, relatou. Segundo ela, houve uma explosão e o avião mudou o curso, atingindo a casa em frente à sua. “Foi tudo muito rápido, um plano que não dá para explicar. Deu um estouro, já caiu e deu uma fumaça de poeira”, disse.

Paraquedas salva seis pessoas em Sabará

Além da tragédia com o monomotor em Belo Horizonte, houve outro acidente aéreo no sábado, mas sem maior gravidade. Um avião monomotor caiu na estrada da vila, em Sabará, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, na manhã de ontem. O Corpo de Bombeiros informou que seis pessoas estavam na aeronave, mas nenhuma ficou ferida. O monomotor levava quatro adultos, uma criança de 5 anos e um bebê de 3 dias.

Mesmo com a queda, todos estavam conscientes, orientados e sem lesões aparentes. Os tripulantes foram avaliados e dispensaram o atendimento médico. De acordo com o Corpo de Bombeiros

não foi necessária uma operação de resgate no local, pois todos os tripulantes já se encontravam fora da aeronave. Vídeos gravados por populares na região mostram que a aeronave acionou o paraquedas enquanto voava. Com isso, os bombeiros afirmaram que o piloto realizou um pouso forçado devido a um possível problema no voo. Porém, de forma controlada pelo dispositivo de amortecimento.

O site da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) mostra que a aeronave pertence ao banco Braliboco e não está autorizada a realizar o taxi aéreo. O acidente também será investigado pelas autoridades competentes.



Monomotor com quatro adultos, uma criança e um bebê caiu numa estrada em Sabará

Veículo: Imprensa -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 7